



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7825 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT09 - Trabalho e Educação

“O QUE É QUE EU VOU FAZER AGORA?” DIFICULDADES DE PROFESSORES COM AS NOVAS TECNOLOGIAS NO DIA A DIA DA ESCOLA

Jessica Kelly F Jessica Ferreira - UFPB - Universidade Federal da Paraíba

Ines Assunção de Castro Teixeira - UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

1 INTRODUÇÃO

Quando se abrem as cortinas das salas de aula virtuais, quando se quebram as telas dos mundos digitais para escavá-las por dentro, para além da ideia de colaboração e ajuda que, teoricamente, o digital pode trazer à docência, vislumbramos outros cenários. Independentemente dos tempos da pandemia, em que o trabalho docente remoto se generalizou, como um imperativo, vê-se que o virtual na docência é perpassado por conflitos, tensões e desafios. Dificuldades de várias ordens emergem, interpelando à docência, suas práticas, seus sujeitos, questões perceptíveis em narrativas da experiência relatadas por professores/as sobre o dia a dia de seus viveres no universo da cultura digital.

Diante deste cenário, esta pesquisa parte de uma tese de doutorado em andamento e tem como objetivo geral: identificar, caracterizar e analisar algumas das dificuldades e sentimentos de professores da Educação Básica em relação à cultura digital, refletindo sobre suas vivências e sentimentos a esse respeito.

Tendo em vista o objetivo da pesquisa, concernente às experiências docentes com a cultura virtual, a metodologia utilizada baseou-se nos princípios dos estudos qualitativos. Foram realizadas entrevistas narrativas digitais, no *whatsapp*, com três professores da Rede Estadual da Paraíba, do sexo masculino^[1]. Devido ao distanciamento social do período da pandemia do coronavírus, as entrevistas transcorreram de forma virtual, entre os meses de março a agosto de 2020.

Os professores entrevistados são concursados e lecionam no Ensino Médio em escolas integrais públicas da Paraíba, com uma carga horária de quarenta horas semanais cada um. Seus nomes fictícios foram escolhidos por eles: Guilherme é professor de Língua Inglesa, Lauro é professor de Língua Portuguesa e Thiago é professor de História. Os três são brancos e solteiros e estão na faixa etária entre 30 e 40 anos.

O desenvolvimento deste texto foi organizado em partes, nas quais apresentamos os resultados da pesquisa. Após a introdução, está o item dos apontamentos teóricos sobre os conceitos principais do trabalho. Em seguida, estão alguns trechos das narrativas dos docentes

que revelam suas dificuldades com a cultura digital na docência. Concluindo, estão as considerações finais.

2 CULTURA DIGITAL E DOCÊNCIA: breves apontamentos conceituais

A cultura digital deve ser entendida como uma nova forma possível de viver e enxergar o mundo, no qual a sociabilidade, os tempos e espaços têm sido intensamente mediados por elementos digitais. Outros termos tratam da mesma ideia tal como o termo de cibercultura, salientado por Pierre Levy (1999), que a caracteriza como algo próprio de um período em que as relações sociais têm sido mediadas por recursos digitais. Manuel Castells (1999), por seu lado, refere-se à Era Digital salientando a interdependência entre sujeitos, informações e recursos digitais que identificam os dias atuais.

Tais conceitos, ao lado de entendimentos relativos ao trabalho docente, fundamentam a pesquisa realizada, que se insere na discussão mais ampla de como os recursos digitais têm se integrado (ou não) às vidas cotidianas de indivíduos e grupos, reconfigurando suas relações com o mundo e com os outros, inclusive no campo educacional, e no trabalho docente, em especial.

Quanto ao trabalho docente, tem, como núcleo fundante, as interações entre sujeitos socioculturais docentes e discentes, relações imbricadas nos processos de ensinar e aprender nos territórios da escola, processos mediatizados pelos recursos didático pedagógicos. Nas últimas décadas, pelas tecnologias digitais e virtuais. Trata-se, ainda, de uma atividade laboral concretizada nas práticas educativas e pedagógicas docentes no cotidiano da sala de aula e da escola, nas quais os/as professores/as se constituem como trabalhadores/as assalariados/as, responsáveis pelo processo educativo e pela implementação dos currículos. O trabalho docente envolve, ainda, a formação profissional específica, o estatuto profissional e as carreiras do magistério. Uma vez que se desenvolvem nos tempos e espaços escolares, a infraestrutura e os equipamentos escolares também influenciam nas práticas docentes.

Nesse contexto e buscando alcançar os objetivos deste estudo, destacamos, nas narrativas dos três professores entrevistados, o que eles apontaram como dificuldades, no sentido de possíveis barreiras e/ou problemas que precisam enfrentar em suas relações e experiências com o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e a cultura digital no dia a dia da docência.

3 AS MÚLTIPLAS DIFICULDADES

Sem qualquer pretensão de esgotar a riqueza dos relatos dos três professores em suas entrevistas narrativas, apresentamos, abaixo, fragmentos desses relatos e algumas considerações analíticas iniciais, de modo a construir um quadro geral das dificuldades que eles apontaram no que se refere às suas relações e utilização das novas tecnologias digitais e virtuais no cotidiano do trabalho na docência.

3.1 “E aí eu fico meio doido, pra lá e pra cá, tentando dar conta de tudo”

Começando pelas reflexões do Prof. Guilherme, ele relata:

Sobre os sentimentos da gente e da relação com essas tecnologias todas, que cada vez mais são colocadas como se a gente tivesse que trabalhar com tudo isso e a gente fica com sentimento de culpa até se não trabalhar com tecnologias digitais. Essa relação da gente com o próprio fazer docente e essa busca por inovar ou não, então têm essas questões que vamos colocar assim, em um âmbito mais psicológico. Aquele discurso de que os professores não sabem, mas essas tecnologias mesmo assim TÊM que aparecer e TÊM que ser usadas. Já olham para o professor dizendo: *‘Olha, está faltando tal coisa em você, vamos trazer formação para você aprender a mexer,*

porque você é uma pessoa que está atrasada. (Entrevista em 28 jul. 2020).

O subtítulo acima e esse trecho do relato de Guilherme apontam, nitidamente, um primeiro tipo de dificuldades dos docentes em seus trabalhos com as TIC nas escolas, de cunho emocional/psicológico. Pelo fato de se sentir obrigado a utilizá-las, pois o docente TEM que usá-las, para que não receba o rótulo de atrasado e evitar outros problemas, aparecem os sentimentos associados às imposições a serem cumpridas, associados à culpabilização. Durante toda a entrevista, o professor demonstrou o seu incômodo diante das cobranças e imposições que envolvem a inserção das novas tecnologias na docência.

Na sequência de sua narrativa, Guilherme apresentou outros tipos de dificuldades alusivas às relações com os alunos – metodológicas – e às tecnológicas conforme seus próprios termos. Ele relata:

Aí tem também questões mais metodológicas, né? Tem vários alunos que a gente vai ter que dar mais atenção individual. Enfim, qualquer atividade que envolva um desenvolvimento em várias etapas, ela vai demandar um planejamento maior. Então, pode acontecer do professor ficar meio, sei lá, dele ficar mais perdido. Então, as vezes parecia que a carga de trabalho era maior, sabe? Aí além desses problemas metodológicos, tem os problemas tecnológicos. Às vezes, por exemplo, você desenvolve uma atividade que vai precisar de uma boa conexão de todo mundo com o celular. Então imagine se você está em um contexto que tem um monte de computador quebrado, os alunos não têm acesso a internet ou não tem celular. (Entrevista em 28 jul. 2020)

Esse trecho da entrevista de Guilherme aponta dificuldades de outra ordem: da materialidade e infraestrutura escolar, pois nem sempre os equipamentos, quando existem, estão em bom estado para utilização. Ele indica, ainda, problemas que extrapolam os muros escolares, pois nem todos os estudantes têm acesso à internet ou celular. Qual seja, se as novas tecnologias que têm que ser utilizadas atravessam as relações dos docentes com os estudantes, interações que também se alteram. Seja porque alguns precisam de atenção individual, seja porque outros não têm acesso a celular e internet, evidenciando que há problemas também da parte dos estudantes, não somente por parte dos professores quanto ao uso das novas tecnologias na docência. O professor precisa dar mais atenção aos(as) alunos(as) que não sabem usar determinada ferramenta.

No final deste relato, Guilherme elenca mais outro problema, concernente às jornadas de trabalho que ele percebe como maiores, quando precisa trabalhar com as inovações digitais. O planejamento, por exemplo, é um elemento sempre presente na docência, mesmo na ausência das novas tecnologias, neste novo contexto, ele se torna não somente mais necessário, como mais complexo e envolve mais tempo.

Guilherme segue, indicando a dificuldade de diálogo e o trabalho colaborativo com os demais profissionais da educação da escola. Ele observa:

Há professores que acham que toda aula tem que ser dada dentro da sala de aula (...) pode ocorrer uma série de conflitos e ter uma série de impedimentos que venha até da própria concepção de educação, de ensino e de aprendizagem dos colegas, da gestão escolar. (Entrevista em 28 jul.2020).

Tal observação evidencia que as atividades atreladas à cultura digital rompem com as regras preestabelecidas e enraizadas na cultura escolar. Muitos professores podem ter problemas nas lidas com os recursos digitais, visto que foram mediante outros recursos didáticos, seja quando estudantes da Educação Básica, seja do Ensino Superior, que foram formados e tiveram suas experiências educativas. Muitos docentes já estão em sala de aula há muito tempo lidando com a cultura da escola e suas regras, valores, crenças e ideais que podem, ou não, ser redefinidos com base na cultura digital.

Esses rearranjos e essas redefinições foram e têm sido agravados e ampliados no período de pandemia da Covid-19. Sobre isso, Guilherme foi explícito: “A pandemia vem empurrando com os dois pés na porta, para arrombar tudo, com essa proposta de ensino remoto. A gente somente recebe como uma imposição, de cima para baixo.” (Entrevista em 28 jul. 2020) Deve-se destacar que as imposições são citadas tanto nas práticas presenciais como nas remotas. O professor demonstra o incômodo em não ser ouvido, em não ter suas observações consideradas.

3.2 “*Todos os colegas, eles se veem diante dessa angústia: E aí? O que é que eu vou fazer agora? Eu me vejo diante dessa angústia*”

Em trechos do relato do Prof. Lauro, ele reitera algumas dificuldades sentidas por Guilherme, como a questão do tempo. Em suas considerações, Lauro aponta dificuldades relativas à sistemática do trabalho nas escolas integrais, à cultura e funcionamento da escola, contrapondo às demandas burocráticas ante as necessidades da docência, que exige planejamento e tempo suficiente para isso. Sobre isso, Lauro discorre:

Infelizmente, as escolas integrais que fornecem, aparentemente, um tempo para o professor, acabam não cumprindo a obrigação de fornecer o tempo para o professor preparar a aula porque ainda tem muito papel para preencher. Eu preciso preparar aula, me dê tempo para preparar aula, então para que tanto papel para preencher? (Entrevista em 11 abr. 2020).

Além de outras dificuldades que Lauro salienta, e diferentemente dos outros dois, ele reporta, também, ao que lhe dá alegria.

A única alegria para mim é ver o resultado. Ver o entusiasmo do aluno para fazer determinadas coisas. O resto tudo é... são questões que vão da dificuldade para tristeza ou pior que é a falta de apoio. Lá na escola, a internet que usamos para preencher os documentos, ela é paga por nós, sai do nosso salário. Isso tá errado. Aí é quando a gente se sente meio abandonado, não é? Porque a instituição mantenedora, o governo do estado, ela quer que a gente trabalhe com as TICs, ela **estimula**, mas aí, não há subsídio, não há apoio. Há um erro aí! Há um equívoco aí. Porque a gente sozinho não pode! Eu não vou fazer sozinho! Do meu bolso, 100%, não! Acho que essa é a maior angústia que o professor tem. (Entrevista em 11 abr. 2020).

A narrativa de Lauro é repleta de angústias. É também uma fala de revolta e de acusação, tanto uma como outra, totalmente, compreensíveis e embasadas nos fatos. Ele usa o verbo ESTIMULAR ao falar das iniciativas do governo estadual, mas, ao mesmo tempo, ele ressalta que a Secretaria impõe e não colabora, não apoia o trabalho do professor. Ao contrário: ele se sente abandonado, por um lado. E, de outro, assume o que não é de sua alçada. Os professores têm tomado para si uma responsabilidade que não é deles: “pagar internet para preencher documentos burocráticos da escola, em horário de trabalho e no local de trabalho”.

Contudo, para além da angústia, das dificuldades de ordem psíquicas/emocionais, como no caso de Guilherme, Lauro tem alegria: com os seus estudantes que têm bons resultados. Eles o entusiasma, uma satisfação que Lauro compartilha com outros docentes, como várias pesquisas indicaram.

3.3 “*É o famoso SE VIRE!*”

Essa frase do Prof. Thiago e outras de suas contribuições são também significativas para traçarmos um panorama inicial das dificuldades dos docentes, sob o imperativo do uso das TIC no dia a dia da escola. Thiago salienta em sua entrevista:

A não integração parte muito mais de uma leitura da realidade concreta em que eu estou

inserido. Sou professor da rede pública e existem diversas barreiras para a integração das tecnologias em sala de aula. Falta internet, falta smartphone para todos os alunos. Essas questões de infraestrutura acabam se transformando em uma grande barreira. Talvez se as questões de infraestrutura fossem resolvidas, eu usaria. Isso envolve unidade computacional, um computador para todos os estudantes, para todo professor, um smartphone para todo professor, data show na sala de aula, internet de qualidade... (Entrevista em 21 jul. 2020).

Essas considerações de Thiago são nítidas e reiteram os problemas relacionados à infraestrutura das escolas. Quanto aos equipamentos tecnológicos necessários, além de apontar a sua falta nas escolas, ao longo da entrevista ele e referiu à condição dos estudantes, reiterando o problema já apontado por Guilherme. Segundo Thiago, existe um ‘apartheid digital’: “alguns alunos até têm smartphone, mas não têm acesso a internet de alta velocidade, não têm pacote de dados”. Sobre isso, o professor descreveu a separação digital que há entre os alunos que têm as ferramentas e o acesso e os que não têm. Além disso, Thiago apontou a necessidade de pensar a separação das condições digitais dos docentes e dos alunos.

Ficou evidente, na entrevista de Thiago, que uma das dificuldades mais apontadas por ele se referem à infraestrutura, e o professor faz uma lista do que as escolas, docentes e discentes necessitam, mas de que não dispõem. A narrativa também tem um tom de acusação e denúncia em relação à maneira que esses recursos e práticas digitais são inseridas no ambiente da escola e da sala de aula.

Eu me sinto preparado para aprender com muita tranquilidade e facilidade, o que não vejo por parte dos meus colegas. A maioria tem sérias dificuldades com o uso de tecnologia. Eu acho que é uma questão geracional também porque a categoria está muito envelhecida. Não é que uma pessoa mais velha não seja capaz de usar, mas eu acredito que seja mais difícil. Tem uma colega minha que tem 55 anos e é difícil, irmão, mas ela tá fazendo o possível e o impossível para conseguir”. (Entrevista em 21 jul. /2020).

A questão geracional seria uma dificuldade. E embora Thiago tenha dito que ele não consegue integrar os recursos digitais na sua prática docente, ele declara que faz uso da maioria deles fora da escola e julga que tem muita facilidade em aprender. E ao pensar as dificuldades observando alguns colegas, ele salienta que a maioria tem sérias dificuldades, o que se agrava no caso de alguns com mais idade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas são sinais do quão necessário é desmistificar a visão meramente positivista quanto ao uso das tecnologias digitais na docência, visto que, mesmo sem serem questionados de forma direta, os professores sempre explicitam as dificuldades, as tensões, os medos e os traumas que envolvem essa relação.

Além disso, pensando ainda nos professores *on-line* e *off-line*, reforço a ideia do professor híbrido, entendendo, com base em suas narrativas, que a utilização ou não das TIC, na docência, depende de aspectos diversos que podem envolver desde aspectos de motivação pessoal, vontade de fazer diferente, incentivos, etc. até aspectos da materialidade e da cultura da escola. Tais problemas, de várias ordens, inclusive alguns externos à escola, como a condição social dos estudantes, não se resumem e não se resolvem por meio de decretos, de imposições, de autoritarismo. Não se resolvem nos gabinetes que formulam as políticas educacionais. Não se resolvem somente com cobranças, que podem agravar as situações.

Em outros termos, as dificuldades apontadas envolvem várias ordens de problemas e questões, objetivas e subjetivas, internas e externas às escolas, materiais e psiquiológicas/emocionais. Envolvem a organização do trabalho, sobretudo dos tempos escolares, assim como envolvem apoio constante aos docentes e discentes, seja por parte dos

que governam as escolas, seja por parte das instâncias governamentais, de formulação e implementação de políticas e financiamento dos sistemas de ensino.

Voltando ao início, ao se abrirem as cortinas das salas de aula, sejam virtuais ou presenciais, ao quebrar as telas dos mundos digitais, como propusemos no início deste trabalho, observamos, por meio das falas dos professores, que muitas escolas nem sequer têm janelas e cortinas, mas, ainda assim, insiste-se em crer que as telas serão sinais de inovação e qualidade.

Entre janelas e telas virtuais e físicas, os professores se veem tencionados e entremeados em uma vivência escolar presencial e, agora, remota, que ainda não conseguiu acompanhar a veloz dinâmica da cultura digital. E seria isso necessário? – cabe perguntar. Muito além das possíveis contribuições que a cultura digital possa trazer para a docência, as experiências dos professores são, acentuadamente, perpassadas por dificuldades que os incomodam. De outra parte, é preciso desnaturalizar e ideia simplificada, de que, para ser um professor bom e inovador, é preciso, necessariamente, dominar as novas tecnologias, pois trata-se de um assunto muito mais delicado e complexo.

REFERÊNCIAS

BOLÍVAR, A. “¿De nobis ipsis silemus?”: **Epistemología de la investigación biográfico-narrativa en educación**. Revista Electrónica de Investigación Educativa, v. 4., n. 1. 2001.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. v. 1. Trad. Roneide Venâncio e Jussara Simões. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GARBETT, Dawn; OVENS, Alan. **Being self-study researchers in a digital world: Future Oriented Research and Pedagogy in Teacher Education**. Switzerland: Springer, 2017.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. **Trabalho docente**. In: Dicionário de verbetes: Trabalho, profissão e condição docente. Disponível em: <https://gestrado.net.br/verbetes/trabalho-docente/>. Belo Horizonte: 2010.

PISCHETOLA, M; HEINSFELD, B. **Tecnologias, estilo motivacional do professor e democracia em sala de aula**. In: IX Seminário Internacional. As Redes Educativas e as Tecnologias, Uerj, Rio de Janeiro, 05 a 08 jun. 2017.

[1] Em uma categoria majoritariamente feminina, a maioria das conversas efetivadas foram de professores, homens. Eis uma informação relevante, especificamente em tempos de ensino remoto, sintomática no sentido de que as tarefas das mulheres professoras aumentaram no período da pandemia. As professoras com as quais entramos em contato foram solícitas conosco, porém pediram que esperássemos um tempo e tivéssemos paciência com elas para essas conversas, porque estavam muito sobrecarregadas de trabalho. Essa foi a razão pela qual este trabalho contém somente entrevistas com professores, homens.